

A RECONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DA CABANAGEM EM LEALDADE, DE MÁRCIO SOUZA E DA GUERRA CIVIL EM MOÇAMBIQUE, EM AS DUAS SOMBRAS DO RIO, DE JOÃO PAULO BORGES COELHO

Liliane Batista Barros*

Resumo

Pretendemos analisar a revisitação histórica da guerra civil em Moçambique e da Cabanagem no Brasil nos romances *As duas sombras do rio* de João Paulo Borges Coelho e *Lealdade*, de Márcio Souza. Verificaremos como as memórias são articuladas nas duas produções e a contribuição desta para a revisão histórica de fatos que se encontravam esquecidos.

Palavras-chaves

Guerra; Literatura Brasileira; Literatura Comparada; Literatura Moçambicana; Relações entre História e Literatura.

Abstract

This work aims a comparative analysis by revisiting historical facts of Civil Wars of both Mozambique and Cabanagem in Brazil, displayed in the novels *As duas sombras do rio*, by João Paulo Borges Coelho, and *Lealdade*, by Márcio Souza. The premises of this research is based on the attention given to the literary setting; and how the authors cover the remembrances in their works, and in which way they add to the historical review of the facts forgotten.

Keywords

Brazilian Literature; Comparative Literature; History and Literature; Mozambican Literature; War.

* Doutora em Letras – Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará – UFPA. Professora de Literatura Portuguesa do Curso de Letras Língua Portuguesa na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA.

Considerações iniciais

Este estudo procurará seguir dois caminhos que julgamos inéditos. O primeiro é o diálogo entre as obras de João Paulo Borges Coelho e Márcio Souza, que ainda não tinha sido realizado. O segundo diz respeito ao estudo comparativo dos conflitos bélicos ocorridos no período pós-Independência na região Norte desses dois países (região considerada periférica).

Tanto João Paulo Borges Coelho quanto Márcio Souza constroem suas obras repensando as escritas da história em que estes assuntos não são tratados, com o intuito de apontar as lacunas e os silêncios das principais vítimas das guerras. Márcio Souza recria a Independência do Grão Pará que poderia ter ocorrido, não se concretizou e não há possibilidade de acontecer. João Paulo Borges Coelho escreve sobre o país que se desejou no período da guerra de libertação e que não se concretizou, mas que ainda é possível de ser realizado.

A base da nossa reflexão tem como suporte a literatura comparada, no pressuposto do comparativismo da solidariedade proposto por Benjamin Abdala Júnior (2003), que tem como objetivo buscar o diálogo entre os países hispano-americanos e entre os de língua oficial portuguesa, permitindo a circulação de produções literárias entre esses e abrindo espaço nas universidades para pesquisas e produções acadêmicas que possibilitem o acesso dessas obras a um público maior pela facilidade de entrada no mercado editorial que algumas produções acadêmicas potencializam.

Em relação a nossa proposta de estudo, pretendemos usar o pós-colonial como teoria que avalia os mecanismos de encontros/confrontos coloniais, ou seja, o impacto da colonização europeia em suas antigas colônias, no nosso caso, o impacto do império português sobre as suas antigas colônias, em especial, Brasil e Moçambique, e como as práticas coloniais ainda persistem nesses dois países, mais especificamente na oposição entre o Norte e o Sul, construída na colonização que continuou após a Independência, sendo o Norte a periferia onde ocorreram as revoltas mais sangrentas. No Pará, Norte do Brasil, houve a Cabanagem no período posterior à Independência, e na região do Zumbo, Norte de Moçambique, temos a guerra civil na sua face mais cruel. Pretendemos verificar como os dois romances escolhidos para análise tratam este assunto por ser uma das funções da Literatura não permitir o apagamento de fatos históricos importantes.

Entre as várias discussões da reescrita da história está Walter Benjamin, na sua teoria da história a contrapelo, como sendo a definição mais pertinente para a leitura dos dois romances, pois tanto Borges Coelho como Márcio Souza reinventam um passado "saturado de agoras" das histórias de seus respectivos países. Conforme o filósofo alemão, há motivos para que um dado instante do passado seja motivo das revisitações do presente, e o pensador aponta aí uma espécie de chama redentora vinculada ao passado. No início do ensaio "Sobre o conceito de História", ele afirma que "o passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existe, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram?" (BENJANIN, 1984, p. 37). Essa ideia de redenção vincula-se à formação judaica do autor e, como bem aponta Lövy, ela seria a possibilidade de dar a voz aos que morreram por uma causa e ficaram esquecidos. E ao dar a voz a esses marginalizados pela história, seria possível impedir o retorno das agruras do passado.

Na concepção do filósofo, é impossível recuperar um fato em si na sua totalidade, uma vez que o passado "só se deixa fixar como imagem que relampeja" e, portanto, é irrecuperável, o que não permite que um fato seja trazido do passado tal como foi. Não há, assim, um retorno linear ao passado em uma leitura crítica da história. O que está em foco é "explodir o *continuum* da história" que está sujeita

ao processo da ação do tempo. Para Benjamin, o passado só é “pinçado” num “momento de perigo”. E assim, o passado transforma-se num presente recriado.

Tzvetan Todorov, que também trata das questões da memória resultantes de traumas vividos pela violência no livro *Memória do mal, tentação do bem* (2002), chama a atenção para o risco que se corre, ao revisitar o passado histórico, de sacralizar ou banalizar a memória, conforme o interesse dos governantes. A sacralização torna um acontecimento único, específico, que não permite relacioná-lo a outro, dado o grau superlativo que se dá a esse evento. No outro extremo, está a banalização, que seria a transformação de um mal em arma retórica, como ocorre na guerra de libertação em Moçambique, utilizada como arma retórica pelo governo como exemplo de união do povo moçambicano que permitiu a libertação do jugo colonial; e, em relação à Cabanagem, ela era retomada em alguns discursos de candidatos ao governo estadual, por exemplo, que se intitulavam “novos cabanos”, no mais, o evento se reduz às salas de aula, onde o assunto é tratado superficialmente, inclusive nos livros didáticos. A manipulação dos processos da memória e do esquecimento, articulada por interesses políticos ou econômicos, é manejada pela supressão dos vestígios indesejáveis a quem é de interesse que estes vestígios sejam apagados ou usados a seu favor. Todorov alerta sobre o perigo que esse processo pode representar:

A sacralização do passado o priva de toda eficácia no presente; mas a assimilação pura e simples do passado ao presente nos deixa cegos diante dos dois, e por sua vez provoca a injustiça. Pode parecer estreito o caminho entre sacralização e banalização do passado, entre servir ao seu próprio interesse e fazer exortações morais aos outros; e no entanto ele existe (TODOROV, 2002, p. 207).

As obras de Borges Coelho e Márcio Souza não sacralizam os eventos que são abordados nos romances, apresentam, sim, a revisitação crítica das versões históricas desses fatos e, ao recriarem o passado, vão na contramão da manipulação futura desses episódios da história. Os dois autores, ao se voltarem para o passado próximo ou episódios distantes, partem da necessidade de observação crítica do presente ao revisitarem as imagens sacralizadas do passado, permitindo que o presente e suas necessidades sejam repensados, a partir do aproveitamento dos vestígios históricos.

As duas sombras do rio: reconstrução histórica da guerra civil moçambicana pelo testemunho de várias vozes

Em *As duas sombras do rio*, a guerra civil moçambicana é mostrada na região onde ela foi mais sangrenta, revelando um país que, mal saído das lutas de libertação de Portugal, vê-se perdido em uma guerra interna, ao longo de 16 anos, por motivos políticos que abalaram suas estruturas. Nesse romance, a reescrita da guerra é narrada a contrapelo da versão oficial a partir das experiências vivenciadas pelas personagens que padecerão, de alguma forma, nesse conflito, seja pelo exílio obrigatório, seja pela demência, seja pelas perdas familiares, seja pela violência. O espaço romanesco é localizado na Região do Zumbo que faz fronteira entre Moçambique, Zâmbia e Zimbabwe demarcadas pelos rios Aruângua e Zambeze e, em um primeiro momento, essas fronteiras políticas são desfeitas pela convivência entre os vizinhos, porém, após o início do conflito armado em Moçambique, as fronteiras passam a ser demarcadas pelas atitudes políticas dos governos vizinhos.

A guerra civil moçambicana foi um conflito armado que teve início em 1976 entre o partido à época no poder, a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), e o de oposição, Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO), e terminou em

1992, quando foi assinado o Acordo Geral da Paz.

As revisitações históricas nesse romance são feitas a partir dos rios Aruângua e Zambeze, seja nos rastros deixados na paisagem, que são as construções feitas pelos colonizadores como, por exemplo, a missão de São Pedro de Cláver e Barragem Cahora Bassa, entre outros, seja pela violência dos guerrilheiros no ataque ao Zumbo que promovem nos moradores a lembrança da violência do período colonial, revisitada desde o início da colonização à Guerra de Libertação, e a violência do passado é posta em comparação com a violência do presente, que torna esse evento incompreensível para as vítimas.

Por ter sido o Rio Zambeze o meio de acesso ao interior do Norte de Moçambique no período colonial, e por ser por suas águas que os navios negreiros saíam em direção ao Brasil, este rio pode ser lido, então, como depositário de uma longa cadeia histórica de episódios sucessivos de violência na região. E é na Ilha de Cassecemo, localizada no meio do Zambeze, que o pescador Leónidas (nome latino que significa leão) Ntsato (significa jibóia na língua local) sofre a possessão de dois espíritos, o leão (protetor do sul) e a jiboia (protetora do Norte), assim, a personagem já traz dentro de si o conflito do sujeito que não sabe a qual margem pertence. Podemos ler este espaço da ilha como um centro espiritual primordial, onde o pescador tem a sua vida transformada pela possessão dos dois espíritos e também pela experiência que sofre ao sentir-se dividido entre os dois espaços de pertencimento.

As travessias dos rios Zambeze e Aruângua são promovidas pelos quatro ataques guerrilheiros à região e são por esses ataques que o enredo é organizado. Se pensarmos que o rio é fronteira em que se revela a zona de contato entre as duas margens, seja entre os moradores do Zumbo (Moçambique) e da Feira (Zâmbia), pelo rio Aruângua, seja entre os moradores do Norte e os do Sul de Moçambique, pelo rio Zambeze, após a possessão de Leónidas, essas fronteiras se movem, visto que a guerra revela a fronteira invisível da diferença e do medo. No caso do pescador, a entrada nos rios é interdita pela possessão dos dois espíritos, mas ele promove a travessia dos demais moradores por causa do *m'fite* apregoado por ele e, em consequência disso, transpõe a desordem do mundo que só ele via para todos os moradores do Zumbo. Após a travessia desesperada dos moradores para fugirem do primeiro ataque guerrilheiro, a fronteira, que era zona de contato entre os três países, passa a ser lugar limite, lugar de separação: os que optaram por fugir pelo rio Aruângua para alcançar a Feira (Zâmbia) passam da condição de vizinhos à condição de refugiados, e os que escolheram atravessar o Zambeze continuaram em terras moçambicanas e ficaram mais próximos do Zumbo sem, contudo, poderem voltar a ele pelo medo da presença de guerrilheiros.

A crise de Leónidas representa a divisão do país e a não consolidação do projeto de nação sonhado durante a Guerra de Libertação. A falência desse projeto somada à repetição das práticas coloniais de exploração do povo e ao desrespeito às tradições provocam a reação da população e o início da guerra civil. Além disso, a região Norte, que ficou esquecida durante o período colonial, continua a ser ignorada pelo governo posterior à Independência de Moçambique que não leva melhorias para este espaço, e ainda interfere negativamente com a conclusão da construção da represa Cahora Bassa, iniciada no período colonial, que faz a vida dessa população mais difícil pela escassez do peixe, principal alimento, além da perda da área de plantio, bem como a destruição de espaços sagrados. Assim, o estado do pescador (cindido em dois) pode ser lido como a herança colonial que dividiu o Norte e o Sul, já que os portugueses investiram mais no Sul pela sua proximidade com a África do Sul e essa divisão se perpetua no período pós-colonial, seja nas relações sociais, seja nas relações políticas do novo governo.

É pela voz do narrador que o leitor segue a trajetória dos exilados e deslocados,

além de seguir as personagens que cruzam o rio, ele também fica na região do Zumbo e observa Leónidas. É ele quem direciona o olhar do leitor ora aproximando, ora distanciando o foco, ora fazendo intervenções, ora descrevendo o espaço em constante movimento que não se restringe ao geográfico, mas também se movimenta entre o presente, o passado e o futuro, portanto ele está também em constante deslocamento sem, contudo, sair do espaço geográfico delimitado no mapa do início do livro.

Mais do que funcionar como um instrumento de organização temporal desde o início da trama, o narrador parece fazer questão de apontar para o seu lugar de fala, que, apesar de cindido, evidencia a preocupação de articular o leitor com os fatos narrados. E, ao apontar para aquilo que está por vir com a autoridade de quem conhece as histórias oficiais recontadas pelo povo, ele deixa claro que o tempo da sua fala está além do tempo narrado. Assim, a memória dos moradores reescreve os fatos do tempo colonial reconfigurados no presente, inclusive para justificar as entidades que estão agindo neste espaço.

O romance *As duas sombras do rio* faz o papel de perpetuar a guerra civil e, ao eleger um narrador que desliza entre estes dois discursos, abre espaço para a memória individual e coletiva, pois, além de buscar relatos do passado histórico pela via da memória que permite ligar os deslocados ao seu espaço de origem, o fato de o narrador permitir outros olhares sobre esse episódio dá amplitude às consequências que este conflito trouxe para o país. Apesar da experiência da guerra ser silenciante, fazendo voltar mudos os homens, sem experiência comunicável, conforme Benjamin, ela se transforma, no romance, por via do narrador, em uma experiência partilhável pela memória coletiva. As personagens, ao se deslocarem por vários espaços e pela memória, misturam o narrador viajante e o narrador sedentário de Benjamin. Além da viagem pelo espaço realizada pelos moradores do Zumbo, há a viagem pela memória tecida pelo entrelaçamento do fio da memória individual com os fios da memória coletiva.

Lealdade: reconstrução histórica da cabanagem pelo relato de uma voz

A Cabanagem foi um movimento que devastou a Amazônia por muitos anos e, para compreendê-la, é necessário buscar suas raízes. Podemos começar dizendo que na Província do Grão-Pará eram comuns as revoltas, insurreições e motins desde o início da colonização, motivados principalmente pela utilização da mão de obra indígena que resultou em muitos conflitos entre colonos e jesuítas. Com a intervenção de Pombal e a retirada dos jesuítas, esperava-se que a província prosperasse e tal era a expectativa do marquês que ele enviou seu irmão, Mendonça Furtado, como administrador dessa região. Mas tal progresso não ocorreu e no final do século XVIII a economia do Grão-Pará estava estagnada. Da mesma forma, ao iniciar o século XIX a economia estava em decadência, com uma sociedade dividida entre a minoria branca que oprimia a maioria mestiça e a administração desinteressada em fazer a província prosperar.

O enredo de *Lealdade* é, portanto, pautado nas viagens. O narrador e as outras personagens que viajam têm como objetivo buscar uma vida melhor. A primeira viagem narrada é a dos pais de Fernando que vêm ao Brasil em busca de novas oportunidades, depois o amigo do casal, o botânico Alexandre, casa-se no Brasil e volta a Portugal. Simone também viaja com a mãe para acompanhar o pai a Caiena e depois para Belém, onde o pai é feito prisioneiro do governo português. Os pais de Simone morrem em Belém e ela decide voltar à França com o pintor Jean-Pierre. O pintor também é um viajante que faz pinturas pelo interior da Guiana Francesa e vem para Belém para encontrar Simone, depois os dois voltam

para a França.

A primeira mudança que Fernando sofre ocorre em uma viagem a Oriximiná por decisão de seu pai, que quis levar a família para passar o Natal na fazenda de um parente e ali conhece Sofia, uma menina negra, órfã, que inicia o narrador na vida amorosa, e o aprendizado adquirido nesse período fez o narrador compreender que a divisão social que imperava em Belém era pela cor da pele.

A segunda viagem é para Portugal, com a finalidade de formar-se engenheiro militar. Fernando tinha a visão de que era um português e que, por acaso, nasceu no Pará, e esperava ser recebido em Portugal como tal, afinal a província era parte do reino. Porém, a sensação de ser estrangeiro e inferior ao ser confrontado com os portugueses o faz entender o que é ser colonizado. Essa experiência aliada à decepção de ver a realeza em fuga desordenada com a invasão francesa, modifica a sua visão. Após 8 anos, volta a Belém e o reencontro com Bernardo marcará o início de uma mudança com o encontro com Batista Campos, de quem o narrador vai tornar-se amigo e admirador.

Fernando é convocado para a invasão Caiena, terceira viagem do narrador, e Batista Campos pede a ele que entregue duas cartas a dois amigos que poderiam ajudá-lo em Caiena, e um deles é o pintor Jean-Pierre que, junto com o padre Zagalo, leva o narrador a conhecer a periferia de Caiena e, posteriormente, a fazenda onde escondiam a biblioteca revolucionária. Parece-nos que o cônego recomendou esta formação do jovem militar. O objetivo, entendemos, era a formação do tenente para atuar na revolução que pretendiam realizar e, portanto, Batista Campos prepara o caminho para a formação de Fernando nos ideais da Revolução Francesa. Outra mudança em Fernando ocorre após o encontro com Simone, que o tira dos eixos. Mas o narrador sente-se inferior por ser ela francesa e ele português. Essa oposição entre civilizado e bárbaro culmina num aborto do filho de ambos porque Simone não admite ter um filho de raça que considera inferior - como o português.

A partir das experiências vivenciadas em Caiena, bem como das leituras dos livros revolucionários, Fernando consegue decidir-se por sua identidade: ele deixa de ser português e passa a ser paraense. E consegue, por fim, compreender a diferença entre o conquistador arrogante que chegou gritando com os negros e os tapuias e o revolucionário apaixonado que volta para Belém. Outra diferença que Fernando, enfim, conseguiu ver foi a decadência e as desigualdades sociais, e é importante salientar que o Pará do século XIX tinha a maioria dos trabalhadores livres, eram poucos os escravos negros e indígenas, o que fazia essa província diferente do restante das colônias portuguesas, mas, mesmo assim, uma das bandeiras da Cabanagem foi o fim da escravidão. No retorno a Belém, Fernando também levou de Caiena livros para Batista Campos e prisioneiros, entre eles, o pai de Simone, o doutor Carpentier, que promoveu a viagem da filha e da esposa a Belém.

Após o Vintismo, as incertezas políticas juntam-se às incertezas amorosas e à Independência do Brasil, pois portugueses residentes no Grão-Pará pretendiam manter esta província vinculada a Portugal e separada do Brasil, enquanto os revolucionários paraenses pretendiam fazer a Independência do Grão-Pará. A forma como Márcio Souza trabalha esses eventos vinculados ao cotidiano de Fernando e do Pará descortina diante do leitor as mazelas vividas no Brasil como um todo.

A situação agrava-se com o ultimato apregoado por Greenfell, e o Grão-Pará encontrava-se em uma encruzilhada: ou ficava vinculado a Portugal ou ao Brasil. E entre o domínio português e o brasileiro, a população e os revolucionários acreditaram que seria melhor com os brasileiros, o que significaria o fim do colonialismo e a valorização dos brasileiros com os direitos assegurados e o fim da exploração dos comerciantes portugueses, que seriam enviados de volta a Portugal.

Assim, quando o mercenário inglês exige a adesão do Grão-Pará à Independência do Brasil e ela é acatada, o embuste do inglês pode ser lido em dois sentidos: não havia esquadra para bombardear Belém e tampouco a situação do Grão-Pará mudaria.

A fuga empreendida pelo narrador e o exílio forçado na Fazenda Promissão onde passará a viver em uma cabana nas margens do Rio Tocantins na companhia de dois índios adolescentes que o ignoram, o levam ao estado de desalento e descrença em mudança. Mas talvez essa experiência o ajude a sofrer uma nova mudança, já que vivenciar o cotidiano do cabano pode fazê-lo compreender a importância da revolta que será realizada pela população do interior que mora em cabanas semelhantes à que ele ocupa em seu exílio.

Lealdade é um livro de viagem sem a euforia de quem parte com a certeza do retorno. A última viagem de Fernando é com o improvável retorno. A luta do narrador é contra o esquecimento, pois ele tem a consciência de que é preciso deixar um relato, um testemunho dessa época, para que o olhar não pouse somente sobre a escrita do vencedor, mas que os vencidos também possam ter voz e narrar a história a contrapelo. Fernando cobra-se por não ter percebido os sinais das mudanças que se anunciavam, e talvez a grande falha do narrador tenha sido tentar compreender pela razão algo impossível de ser justificado.

Considerações finais

A guerra civil em Moçambique foi mais cruel no Norte e especificamente nas fronteiras entre Moçambique, Zâmbia e Zimbábue houve o maior número de vítimas e as ações mais sangrentas. João Paulo Borges escreve para possibilitar a memória da guerra civil e impedir que esse evento se repita. A decisão de um escritor tem origem numa determinada realidade social e o fato de ele optar pela memória da guerra civil como arcabouço narrativo demonstra que se mostra comprometido com a realidade de seu país. Não podemos esquecer que João Paulo Borges Coelho, enquanto pesquisador naquela região, fez recolhidas de relatos dos moradores sobre a guerra civil e, em grande parte, os relatos desse livro se devem às histórias ouvidas por ele.

A Cabanagem foi uma guerra que deixou muitos mortos, além de presos e executados, para garantir a anexação dessa província ao Brasil, e há muitos fatos e nomes que precisam ser trazidos à luz para promover a redenção proposta por Benjamin, que é dar a voz aos que morreram por uma causa. E a decisão de Márcio Souza em escrever esses romances demonstra que é necessário tirar este episódio do esquecimento e não permitir que fique relegado a uma data do calendário e muito menos a nomes de ruas e prédios públicos, apesar de que até isso está sendo apagado na cidade de Belém.

João Paulo Borges Coelho reconstrói a história da guerra civil moçambicana sem trazer personagens históricas da guerra de Independência para dentro da narrativa. Em *As duas sombras do rio* a História aparece pela via do narrador, também atônito, e pelo testemunho dos moradores do Zumbo, da Bawa e da Feira, o que faz o livro assemelhar-se à composição de relatos. Mesmo buscando episódios históricos do passado na tentativa de entender o presente, a narrativa se centra na guerra civil localizada no Zumbo no Norte de Moçambique. As relações entre literatura e história com as demais áreas do conhecimento demonstram um novo fazer literário que, ao desfazer as fronteiras entre as áreas do saber, desvela novas fronteiras históricas, sociais e políticas.

Márcio Souza também tem a preocupação de buscar episódios históricos que antecederam à Cabanagem, visto que a narrativa de *Lealdade* centra-se na adesão

do Pará à Independência do Brasil. O autor demonstra, assim, que esse levante não foi uma simples revolução contra a Independência, mas sim, o resultado de práticas coloniais de exploração e extorsão. As relações entre literatura e história com as demais áreas do conhecimento, assim como a intertextualidade presente no romance, indicam a intenção do autor de trazer à luz o episódio trágico vivenciado pelos paraenses dando-lhe o espaço devido na memória e história do Brasil.

BARROS, L. B. (Re)Constructing Cabanagem History in *Lealdade*, by Márcio Souza, and Civil War History in Mozambique in *As duas sombras do rio*, by João Paulo Borges Coelho. **Olho d'água**, São José do Rio Preto, v. 6, n. 2, p. 63–70, 2014.

Referências

ABDALA Jr., B. *Literatura, História e Política*. São Paulo: Ática, 1989.

_____. *De vôos e ilhas: literatura e comunitarismo*. Cotia: Ateliê Editora, 2003.

BENJAMIN, W. *Obras escolhidas: magia, técnica, arte e política*. Trad. Paulo Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BORGES COELHO, J. P. *As duas sombras do rio*. 2. ed. Lisboa: Caminho, 2003.

SOUZA, M. *Lealdade*. 2. ed. São Paulo: Marco Zero, 1997.

TODOROV, T. *Memória do mal, tentação do bem*. Trad. Joana Angélica D'Ávila Melo. São Paulo: ARX, 2002.

Recebido em 19/dez./2014. Aprovado em 17/fev./2015.